

CAPÍTULO

18

A argumentação



Monkey Business Images/Shutterstock/Glow Images

O assunto deste capítulo é argumentação. Para iniciar os estudos, converse com os colegas e o professor sobre a tira a seguir reproduzida levando em conta as questões propostas nesta página.



Disponível em: <<http://fighting-giants.blogspot.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

- A argumentação é a expressão de um posicionamento sobre um assunto e, na interação social, tem como função principal influir no ponto de vista do outro, o interlocutor, ou, pelo menos, apresentar-lhe uma opinião. Que argumento, na tira, o personagem do pai escolhe para convencer o filho a comer?
- A argumentação é também um modo específico de organização das ideias concretizadas em enunciados: um encadeamento lógico guiado pelo raciocínio. Assim, a expressão de um ponto de vista e o modo específico de organizar um enunciado argumentativo são ações complementares: expressar eficientemente uma argumentação depende da adequada organização das ideias que a formam.

No segundo quadrinho, de que modo o pai apresenta seus argumentos para convencer o filho?

- Diz que o filho é obrigado a comer, ou seja, usa a força da imposição. ()
- Constrói uma argumentação baseada em fatos reais e lógicos. ()
- Baseia-se no que ele conhece dos interesses do filho para fazê-lo comer. ()
- A preocupação da personagem da mãe, no último quadrinho, baseia-se em pontos fundamentais da forma de persuasão usada pelo pai. Quais são os pontos fracos do argumento empregado por ele?
- Comprove o poder de persuasão do texto argumentativo experimentando esta situação:
 - Reúna-se com alguns colegas para organizarem uma história, por meio de diálogo, a ser encenada por vocês sobre uma polêmica. O assunto da polêmica deve girar em torno da ida de um personagem ao cinema. Ele pode ir com alguém que está com ele e deixar uma terceira pessoa onde estiverem inicialmente ou pode ir se encontrar com alguém, o importante é um personagem representado por um aluno ser a favor do que esse primeiro vai fazer e outro(s) personagem(ns) ser(em) contra. Planejem argumentos de cada lado do posicionamento. Lembrem-se: é possível argumentar sem agredir. A história deve ser bem curta.
 - Apresentem a encenação aos demais colegas da classe.
 - Depois das apresentações, conversem com a classe toda e apontem: em cada encenação, qual foi o ponto de vista mais bem defendido e por quê.

1 A argumentação

Sabemos que a argumentação se caracteriza por ser um enunciado em que predomina a defesa de uma ideia, de um ponto de vista. Assim, depende de análise, de capacidade de elaboração de argumentos convincentes, de raciocínio lógico. O produtor de um texto argumentativo procura expor ao leitor/ouvinte, seu interlocutor, determinada posição ou mesmo levantar elementos para uma possível análise ou reflexão. Para tanto, trabalha com argumentos, fatos, dados e/ou testemunhos, selecionados para sedimentar e solidificar o desenvolvimento do ponto de vista defendido.

Leia a seguir o exemplo de um texto argumentativo. Observe qual é a posição defendida nesse enunciado em várias etapas do texto.

O produtor do texto deixa claro o que entende por “contrários aos meios de massa” e seleciona um especialista para reforçar sua ideia:

Para os contrários aos meios de massa, o produto cultural perderia inevitavelmente a sua qualidade caso fosse veiculado por TV ou rádio. Uma sinfonia, por exemplo, não teria a mesma qualidade daquela executada em um concerto. Essa posição, radical, como se vê, levou o **estudioso italiano** Umberto Eco a qualificar de apocalípticos os que criticam *a priori* os meios de comunicação, não os aceitando como culturais.

SOUZA, Jésus Barbosa de. *Meios de comunicação de massa: jornal, televisão, rádio*. São Paulo: Scipione, 1996.

Observe agora o **levantamento de dados** que o autor utiliza na argumentação:

A partir de 1920, a repercussão do novo meio de comunicação de massas era notável. Uma demanda febril de aparelhos receptores assolou os Estados Unidos e a Inglaterra. Em 1921 o número de emissoras nos Estados Unidos era de 4, passando a 29 em 1922 e a 382 no início de 1923. A publicidade começava a veicular, o que tornava o novo meio bastante viável economicamente. Em 1927, havia **7 milhões** de aparelhos somente nos EUA.

SOUZA, Jésus Barbosa de. Op. cit.

Veja ainda o desenvolvimento de sua **tese** e respectiva **conclusão**:

A televisão é o **mais poderoso** meio de comunicação de massas do século XX, quanto aos elementos que veicula e tendo-se em vista o alvo coletivo virtual. Ela seria uma espécie de liquidificador cultural, capaz de diluir cinema, teatro, música, literatura, tudo em um só espetáculo, fornecendo assim uma reforçada vitamina eletrônica para o público.

SOUZA, Jésus Barbosa de. Op. cit.

Observe que o autor do texto não concorda com aqueles que são contrários aos meios de comunicação (ele usa o adjetivo *radical* para caracterizar essa posição) e, para reforçar seu ponto de vista, apresenta o testemunho de Umberto Eco. Ao classificar Eco como *estudioso*, o leitor pode se sentir intimidado, pois quem vai discordar de uma pessoa já caracterizada como *estudiosa*?

Para sedimentar sua tese (a vertiginosa ascensão do rádio), o autor seleciona dados, números, que o leitor talvez aceite como indiscutíveis.

Nesta passagem, o autor apresenta sua tese como verdade absoluta e categórica (observe a força do adjetivo *poderoso* no superlativo). Recurso semelhante encontramos em textos argumentativos que se iniciam da seguinte forma: “É opinião unânime que...”, “Como todos sabem...”.



Filipe Rocha/Arquivo da editora

A argumentação: um arranjo linguístico característico

Por organizar as ideias em função da expressão de um ponto de vista, a argumentação apresenta uma composição gramatical muito particular. De modo geral, os arranjos argumentativos têm o predomínio de:

- linguagem mais denotativa, objetiva, sem rodeios (afinal, convence-se o leitor pela força dos argumentos, não pelo cansaço), dispensando o uso abusivo de figuras de linguagem, bem como o valor conotativo das palavras (veja bem: dispensa-se, o que não significa que esses recursos nunca sejam usados);
- várias vozes ao longo do texto: a voz do produtor do texto e as vozes introduzidas por ele por meio de citações e/ou referências, ora para afirmar sua posição, ora para refutá-las;
- períodos compostos por subordinação, especialmente os que exprimem relações de causa/consequência e concessão; conseqüentemente, predominam as conjunções subordinativas causais (*porque, que, pois, visto que, já que, etc.*) e concessivas (*embora, ainda que, se bem que, conquanto, etc.*);
- períodos compostos por coordenação, com destaque para os que exprimem contraste (coordenadas adversativas) e os utilizados para fechar uma ideia (coordenadas conclusivas); assim, predominam as conjunções coordenativas adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, entretanto, etc.*) e conclusivas (*logo, portanto, pois, assim, por isso, etc.*);
- expressões adverbiais de enunciação, quando a intenção é marcar uma posição muito pessoal e criar um tom intimista e de cumplicidade com o interlocutor: *sinceramente, como já sabemos, cá entre nós, etc.*;
- expressões valorativas positivas ou negativas, quando a intenção é evidenciar uma posição não só com argumentos objetivos (dados, citações, relações lógicas, etc.), mas também lançando mão da subjetividade (o que pode dar ao texto tanto um tom irônico ou sarcástico quanto um tom de contundência);
- ordenadores e organizadores textuais, encarregados da arrumação das informações dentro do texto: *do mesmo modo; não só... mas também; por um lado... por outro lado; em primeiro lugar... em segundo lugar; para começar... finalmente (ou por fim, para concluir); em síntese, como já foi dito, etc.*

Ao contrário dos textos narrativos, os textos argumentativos não apresentam uma progressão temporal; os conceitos são genéricos, abstratos e, em geral, não se prendem a uma situação de tempo e espaço. Daí o emprego de **verbos no presente**. Como os textos argumentativos trabalham com o encadeamento de ideias, saber usar os conectivos é fundamental para obter um texto claro, coeso, elegante.

Operadores argumentativos

Ao elaborar um texto argumentativo considerando o processo comunicativo como um todo, fazemos uma seleção de ideias e a escolha da modalidade (escrita ou falada) e do registro (mais formal, mais informal). Além disso, podemos articular alguns elementos linguísticos para potencializar a intencionalidade do texto: marcar e/ou reforçar nossa posição e atingir diretamente o outro, persuadindo-o.

Operadores argumentativos são palavras e expressões capazes de introduzir um significado, enfatizá-lo ou insinuá-lo. Dentre os mais comuns, destacamos:

- **conectivos conjuncionais:** especialmente as conjunções que contêm noções semânticas, pois explicitam a relação de sentido entre as ideias do texto. Por exemplo: *mas* = oposição; *nem* = adição; *logo* = conclusão, etc.;
- **introdutores de pressupostos:** especialmente representados pelas palavras e expressões denotativas (*até, nem mesmo, inclusive, também*, etc.); numa afirmação do tipo “**Nem mesmo** os mais alienados deixarão de perceber...”, parte-se de um pressuposto: o que vai ser demonstrado é o óbvio;
- **intensificadores e modalizadores:** especialmente representados pelas palavras e expressões denotativas (*só, somente, apenas, no mínimo, quando muito*); são intensificadores quando reforçam a noção semântica do termo a que se associam (“um **só** elemento”); são modalizadores quando acrescentam uma noção contrastiva ao termo a que se associam (“mas **também**...”, “e **porém**...”);
- **modalizadores valorativos:** representados por expressões adverbiais (*lamentavelmente, sinceramente, talvez*, etc.), por verbos (*acreditar, supor, saber*, etc.), por pronomes (*isto, aquilo, esta, essa*, etc.), por adjetivos (*bom, ruim, excelente, desastroso, divertido, chato*, etc.), pelos modos verbais (**indicativo, subjuntivo**); exprimem a posição do enunciador em relação às ideias do texto, ora de incerteza, ora de convicção, ora manifestando subjetividade, etc.;
- **reformuladores:** representados por palavras e expressões denotativas (*ou seja, melhor dizendo, aliás, quer dizer*, etc.), retificam e/ou esclarecem ideias já expostas.

Veja alguns exemplos contextualizados:

Globalizaram a globalização

Gustavo Barreto

Esta expressão, que os sociólogos **mais** preguiçosos têm usado de forma quase que religiosa para explicar coisas que eles não entendem, vem a ser um dos maiores mitos que nossa sociedade criou nos anos 1990. O que é, afinal, globalizado hoje em dia?

Muito desse clima em torno do conceito de “globalização” vem da completa falta de informação das pessoas e, principalmente, da falta de capacidade que o cidadão contemporâneo tem de ligar os fatos, mesmo estando muito bem informado (**ou** por causa exatamente desse excesso de informação).

A eletricidade, por exemplo, não é familiar para dois bilhões de pessoas no planeta – o que já exclui de cara o acesso à tecnologia e à “modernidade”, carro-chefe da “globalização”. Antes, é preciso lembrar que a maior parte das pessoas – mais de 60% – não consegue nem sequer obter água de qualidade, o que causa, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 1,7 milhão de mortes por ano, das quais 99,8% em “países em desenvolvimento” (outra expressão duvidosa).

E o que dizer do direito de ir e vir? É globalizado?

Sabemos que entrar em um país custa caro. Primeiro, você terá que pagar a exorbitante passagem aérea, o que já exclui a maioria absoluta da população mundial. Depois, terá de convencer o agente da fronteira de que não irá fazer mal para o país. Você quer entrar em um lugar próspero? Prove que pode nos ajudar. Quer entrar em um “país em desenvolvimento”? Pode entrar, somos globalizados por aqui.

E a pobreza? Globalizada? No Canadá, na Noruega e na Austrália, a qualidade de vida da população é próxima à perfeição. Um PIB alto e bem distribuído faz com que o ato de lutar contra a pobreza nesses países faça o mesmo sentido que fabricar caviar para consumo interno na Somália.

intensificador: o autor do texto não se refere aos sociólogos preguiçosos; ele se refere aos “mais” preguiçosos.

conectivo de alternância: representado pela conjunção alternativa *ou*, iguala duas ideias (uma na forma de subordinada concessiva, outra causal), pondo-as em paralelo.

conectivo de conclusão: representado pela palavra conotativa *então*, no sentido de "portanto", estabelece uma relação de dedução e fecho.

reformulador: tenta explicar melhor uma ideia.

conectivo de contraste: representado pela conjunção concessiva *mesmo que*, contrapõe ideias.

conectivo de conclusão: representado pela conjunção conclusiva *portanto*, estabelece uma relação de dedução e fecho.

modalizador valorativo: expressa a posição particular do produtor do texto em relação à ideia "mensagens globalizadas".

modalizador valorativo: o emprego do subjuntivo manifesta incerteza por parte do produtor do texto em relação à ameaça.

modalizador valorativo: expressa incerteza por parte do produtor do texto em relação à ideia que está desenvolvendo.

conectivo de contraste: representado pela conjunção adversativa *no entanto*, contrapõe ideias.

reforço intensificador: enfatiza a ideia exposta.

Mas a desigualdade tem raízes profundas e estamos fazendo o possível. **Então** poderíamos imaginar: o progresso das nações, mesmo que lento, foi globalizado, certo? A cada ano, 5 milhões de pessoas entram no grupo dos "famintos", que já atinge hoje cerca de 850 milhões de pessoas no planeta. O progresso, como demonstram diversos estudos recentes da ONU, não está sendo globalizado.

Mas é preciso dizer isso para as pessoas. A informação, neste caso, foi globalizada? Cerca de 100 grandes grupos produzem mais de 90% da informação do planeta, tornando-se este quadro o auge do monopólio da informação em toda a História da mídia mundial.

Abrem-se parênteses. As empresas de comunicação adotam cada vez mais a lógica do conglomerado, **ou seja**, um centro de decisão de base gerencial-financeira que administra grandes massas de capital, diversificado em vários mercados não relacionados, conseguindo assim manter a estabilidade financeira como um todo, **mesmo que** um dos mercados no qual a empresa participe esteja passando por uma crise.

Não é de se estranhar, **portanto**, que uma empresa de comunicação como a Rede Globo, por exemplo, possua negócios em áreas que pouco ou nada têm a ver com comunicação, como o mercado imobiliário. O economista Celso Furtado mostra em "Raízes do Subdesenvolvimento" que esta prática tende a inchar cada vez mais os conglomerados, beneficiando o monopólio econômico.

É intrigante pensar que a única coisa, **talvez**, que seja realmente globalizada atualmente é a própria globalização – uma falácia vazia e irracional.

Mensagens **ocas** ("queremos paz", "somos todos irmãos", etc.), que poderiam ser chamadas de globalizadas, seguem à risca um conceito antigo para quem lida com Direito Internacional. Nesta área, para se aprovar qualquer tratado ou declaração mundial, é preciso ser bem vago. Trata-se de um princípio que garante o sucesso simbólico do documento, mas que não muda, a princípio, qualquer legislação ou regimento nacional. Diga-se de passagem, mesmo admitindo esta influência imaterial, os tratados têm se mostrado pouco eficazes.

A criança, diz a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou "de qualquer outra natureza". O artigo três da Declaração de Direitos Humanos de 1948 – "todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal" – é uma boa razão para que o presidente norte-americano ataque outro país com seu vistoso aparato bélico, desde que ele considere que os homens de seu Estado **estejam** ameaçados.

As experiências mais progressistas poderiam globalizar a esperança, a solidariedade e o sentimento que evoca a necessidade de mudança estrutural de um sistema perverso. Convém, **no entanto**, chamá-las de "regionais".

Mesmo vozes mais progressistas costumam dizer que boas experiências **só** deram certo porque "o lugar era menor", ou "o contexto ajudou". Não se pensa que o que serve para uma pequena comunidade indígena no interior do Mato Grosso, Brasil, poderá ser útil à nossa civilização e sua própria sobrevivência diante da fúria da Natureza.

É difícil compreender, portanto, do que se fala quando remetemos à expressão "globalização". Selecionam com carinho o que deve ser globalizado – eventos esportivos, músicas sem conteúdo e filmes com forte conteúdo publicitário – e o resto chamam de regional.

A organização interna do texto argumentativo

Como vimos, um texto argumentativo está baseado no encadeamento lógico de ideias em função da defesa de um ponto de vista; portanto, exige um trabalho de preparação, um plano inicial, para montar o “esqueleto” da argumentação. Via de regra, podemos distinguir três etapas nas quais se subdivide um texto argumentativo: **introdução, desenvolvimento da argumentação e conclusão.**

Ao se iniciar um texto argumentativo, é necessário deixar claro o tema que será abordado – daí a importância da introdução. Por sua vez, a conclusão pode ser um apinhado geral das ideias expostas, ou a posição clara, categórica, do autor sobre o tema desenvolvido, ou ainda, dependendo do encaminhamento dado ao texto, pode até ser uma dúvida ou uma interrogação.

Atividades

Para fazer as atividades, leia o seguinte texto sobre o jornalismo brasileiro.

Quem escreve com as mãos?

José Arbex Jr.

O jornalismo no Brasil responde a duas direções fundamentais.

De um lado, o jornalismo que resiste às exigências do mercado: a prática do jornal vem marcada pela presença do autor da reportagem, da crônica, do ensaio; pelos voos ousados no campo da interpretação, da sensibilidade, da poesia; pelo investimento em grandes trabalhos de investigação que incidem sobre a esfera social, política e moral; pela denúncia que não busca a sensação barata, a venda fácil e certa da miséria humana; enfim, um jornalismo marcado pelo exercício diário da ética e da inteligência, em que o leitor é convocado a participar ativamente dos problemas.

De outro lado, o jornalismo que responde à tendência do mercado: tal jornalismo consagra os manuais de redação e estilo na produção do jornal, os quais ambicionam apagar a presença do autor e buscam, ao máximo, a prática da assim chamada escrita “objetiva”, supostamente destituída de opinião e recheada de dados estatísticos, mapas e tabelas cuja função é “facilitar a leitura” e dar sustentação aos dados reunidos no texto.

Claro que tudo isso é um grande engano. Não há e nunca houve, de fato, nenhum jornalismo “objetivo” e “sem opinião”: todo texto – jornalístico ou não – manifesta uma opinião. Até mesmo a demonstração de uma fórmula ou teorema matemático, aliás, não é feita da mesma forma por dois expositores. Os caminhos escolhidos para chegar ao mesmo ponto revelam a diferença de estilo, revelam o autor.

Revista *Caros Amigos*. São Paulo: Caros Amigos, abr. 1999, n. 25, p. 8-9 (adaptado).



União Citra/Arquivo da editora

1. No primeiro parágrafo do texto, o autor afirma que o jornalismo brasileiro esteve diante de dois caminhos distintos. Identifique esses dois caminhos e, com suas palavras, defina a principal característica de cada um.
2. Qual é a tese defendida pelo autor?
3. O fragmento apresentado é composto de quatro parágrafos.
 - a) Analise-os e comente o percurso argumentativo escolhido pelo autor.
 - b) Que expressões marcam a oposição entre as duas direções comentadas?
 - c) Qual é o antecedente do pronome *isso* presente na primeira frase do quarto parágrafo?
4. Em relação às duas direções fundamentais mencionadas no primeiro parágrafo:
 - a) Com qual delas se alinha o autor?
 - b) Justifique sua resposta a partir da seleção vocabular e de recursos gráficos presentes nos parágrafos 2 e 3.
5. No livro *Argumentação e linguagem*, a professora Ingedore Villaça Koch comenta o papel de alguns operadores argumentativos que “introduzem, de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo (“lambuja”), como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final”. Seria uma comprovação evidente, a chamada “retórica do camelô”. Aponte, no último parágrafo, qual seria esse argumento decisivo e os operadores argumentativos que dariam sustentação a ele.

2 Os textos argumentativos

Supomos que os estudos propostos neste capítulo podem ajudá-lo a conhecer a estrutura dos textos argumentativos. Entretanto, isso não é o suficiente, pois é fundamental ter também ideia de como esses textos se concretizam, que forma assumem e em que situações comunicativas costumamos usá-los.

Certamente você já produziu e já leu ou ouviu textos argumentativos. Trata-se de gêneros textuais que apresentam o predomínio de sequências argumentativas: uma opinião informal ou formal, escrita ou oral, sobre um assunto; uma tese de mestrado; uma dissertação; uma crítica de cinema; o editorial de um jornal; um sermão; um ensaio.

Trocando ideias

1. Leia o texto a seguir, publicado em um *blog* da revista *CartaCapital* voltado para questões de gênero, sobretudo para o feminismo. Na sequência, reproduzimos também fragmentos de comentários feitos por leitores do *blog*.

As mentiras que contam sobre nós

por Aline Valek

Inimigas. Invejosas. Recalcadas. Fofoqueiras.

Foi isso que nos ensinaram: que não poderíamos confiar umas nas outras. Cochicharam em nossos ouvidos que mulher é tudo falsa. Nos disseram que as outras eram interesseiras, traiçoeiras, que roubariam nossos namorados, que tentariam chamar mais a atenção, [...] sempre uma ameaça.

Ensinaram a lição e mostramos que aprendemos quando dizemos que “mulher trabalhando junta não presta”, ou quando nos orgulhamos ao dizer “não tenho amigas mulheres”, ou quando odiamos aquela garota sem motivo algum, ou todas as vezes que julgamos a sexualidade da colega ou ainda quando atacamos, humilhamos ou desprezamos a outra apenas para buscar as migalhas da aprovação masculina.

Como pudemos acreditar nessas mentiras por tanto tempo?

É tentador acreditar que “somos diferentes das outras” para tentar colher as recompensas por ser uma “boa garota”. Eu sei. O problema é que essas recompensas nunca virão. Se hoje odiamos as outras mulheres e não hesitamos em julgá-las [...], nada impede que amanhã os dedos que apontam para elas se voltem para nós mesmas. [...]

Colocaram entre nós essa espessa cortina de rivalidade para que não sejamos capazes de nos enxergar de verdade. Para nos isolar. Para que, divididas, nos enfraqueçamos. Consegue imaginar a quem isso possa interessar? Se eu e você sempre nos considerarmos

inimigas, vamos poder esquecer de combater as estruturas da sociedade feitas para nos manter nos nossos devidos lugares. [...]

Então está na hora de tentar ver além dessa cortina e, ao invés de olhar para o que nos difere, tentar encontrar aquilo que nos aproxima. Talvez você se surpreenda ao encontrar do outro lado não esse estereótipo odioso que nos venderam, mas uma mulher igual a você. Um ser humano tão único, multifacetado, com falhas e atributos positivos, assim como você mesma.

[...] Para muita gente, nada que mude pode ser algo bom. Mas você pode imaginar o motivo, né? Normal que essa gente fique tão insegura. Afinal, quando descobrimos que não precisamos lutar umas com as outras, podemos fazer coisas incríveis.

Imagine quanta coisa pode ser diferente se, ao invés de cerrarmos os punhos, estendermos a mão para aquela outra mulher. [...]

Que possamos mandar um recado para as outras mulheres e não seja de ódio, desprezo ou julgamento; mas um “estamos juntas”. Porque juntas somos mais fortes para combater as armadilhas machistas do nosso mundo. Porque só juntas sobreviveremos.

Comentários

I. Vale lembrar que o machismo não é uma atitude exclusivamente masculina, mas sim que ele está tão enraizado na sociedade que até mesmo as mulheres podem incentivá-lo e disseminá-lo sem perceber. [...]

II. Sou um homem feminista, mas acho muito complicado falar que a rivalidade entre mulheres foi uma imposição da sociedade machista, premeditada, pra enfraquecer as mulheres como grupo de maioria oprimida. Compreendo que esse fenômeno da competição seja decorrente da visão de mundo machista, mas não que os homens ("a quem interessa enfraquecer as mulheres") tenham planejado tudo pra maleficamente prejudicar o fortalecimento das mulheres pela união.

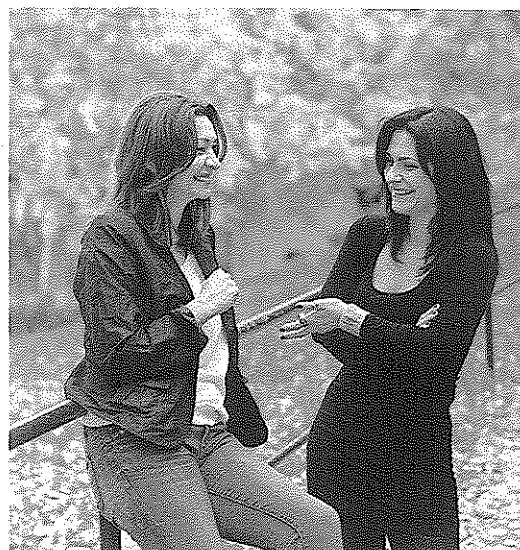
III. Ótimo texto

Porém não é verdade que apenas homens colocaram as mulheres na condição que estão.

O ideário feminino também foi uma construção delas.
[...]

Disponível em: <www.cartacapital.com.br>
Acesso em: 29 maio 2014. Adaptado.

Omitimos o nome das pessoas que fizeram os comentários para preservar sua identidade.



dean baronoff/Shutterstock.com

2. Depois de ler os textos transcritos, reúna-se com alguns colegas. Conversem sobre a leitura feita, levando em conta as questões propostas a seguir:

- Qual é a ideia polêmica discutida pelo texto do *blog*?
- O comentário I chama a atenção para um detalhe fundamental. Que expressão desse comentário deixa clara essa intenção?
- O autor do comentário II indica logo de início seu posicionamento em relação à questão de gênero. Que expressão ele usa para isso e de que maneira vocês entendem essa declaração?
- O autor do comentário II não concorda com o texto do *blog*. Que argumento ele usa para se justificar?
- Releia este fragmento do comentário II: "Compreendo que esse fenômeno da competição seja decorrente da visão de mundo machista, mas não que os homens [...] tenham planejado tudo [...]".
A qual trecho específico do texto do *blog* ele se refere?
Há aí um equívoco, que poderia ser usado para diminuir a força do argumento. Qual? Explique.
- O produtor do comentário III elogia o texto lido e, em seguida, faz uma crítica. Que termo ele emprega para introduzir sua crítica, deixando claro que ele não vai continuar elogiando o texto do *blog*?
- O produtor do comentário III chama a atenção para o fato de que não só os homens contribuem para fortalecer a sociedade machista. Ele afirma: "O ideário feminino também foi uma construção delas". Qual é sua opinião?
- Observem a linguagem e a organização dos comentários. Costuma-se dizer que textos de comentários em *blogs* e textos que circulam nas redes sociais em geral são sempre construídos com abreviações de palavras, não respeitam as regras de regência e de concordância estipuladas pela gramática normativa, não expressam argumentos de forma convincente. É o que acontece nos comentários aqui reproduzidos? Por quê?

Dissertação ou argumentação?

O que você sabe sobre esses termos? Leia e compare as definições que se encontram nos dicionários:

argumentação

[Do lat. *argumentatione*.]

Substantivo feminino.

- Ato ou processo de argumentar.
- Conjunto de argumentos.
- Discussão, controvérsia.

dissertação

[Do lat. *dissertatione*.]

Substantivo feminino.

1. Exposição desenvolvida, escrita ou oral, de matéria doutrinária, científica ou artística.
2. Trabalho escrito, apresentado a instituição de ensino superior, e defendido, publicamente, por candidato ao grau de mestre.
3. Discurso; conferência; preleção.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Versão 5.0 Ed. rev. e atual. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

argumentação

substantivo feminino

1. arte, ato ou efeito de argumentar.
2. Derivação: por extensão de sentido.
troca de palavras em controvérsia, disputa; discussão
3. Rubrica: termo jurídico.
conjunto de ideias, fatos que constituem os argumentos que levam ao convencimento ou conclusão de (algo ou alguém)
4. Rubrica: literatura, estilística.
no desenvolvimento do discurso, corresponde aos recursos lógicos, como silogismos, paradoxos, etc.; geralmente acompanhados de exemplos, que induzem à aceitação de uma tese e à conclusão geral e final.

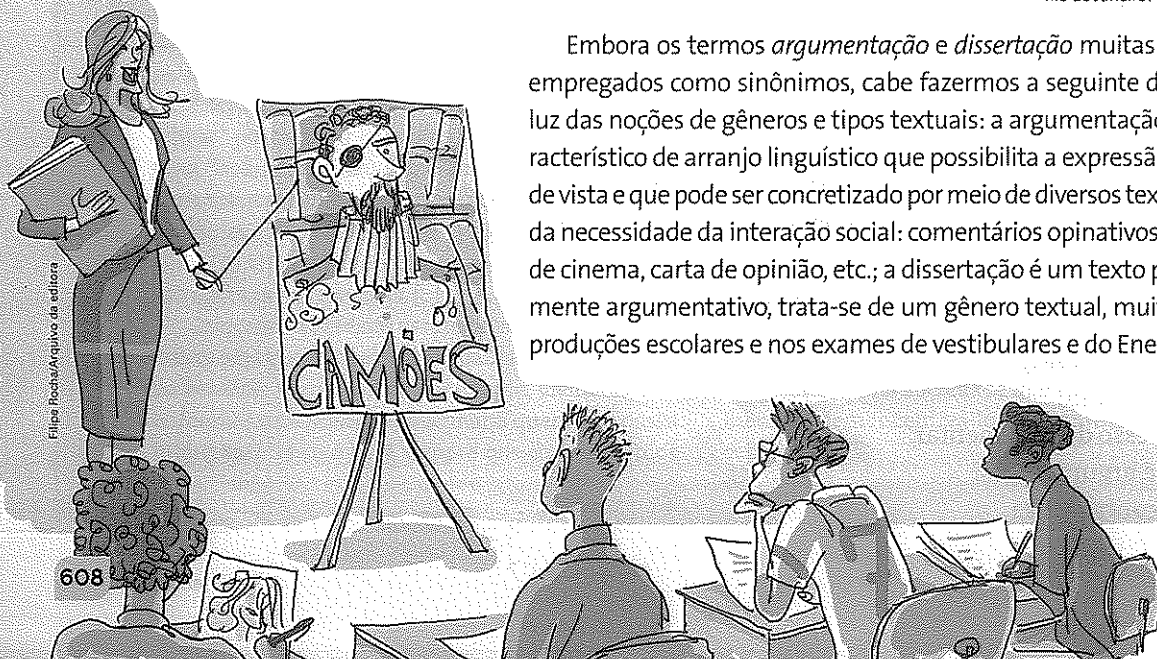
dissertação

substantivo feminino

1. ato ou efeito de dissertar; exposição, redação.
2. exposição escrita de assunto relevante nas áreas científica, artística, doutrinária, etc.; monografia.
3. trabalho escrito feito por estudantes como exercício ou como prova, versando sobre algum ponto das matérias estudadas; exposição escrita.
4. exposição oral; conferência, discurso: **Ex.: ouvimos uma bela d. sobre a obra de Camões.**
5. Regionalismo: Portugal.
em universidades portuguesas, monografia final que os estudantes devem apresentar e defender para obterem o título universitário.

HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico. Versão 1.0.5a. Parte integrante do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Embora os termos *argumentação* e *dissertação* muitas vezes estejam empregados como sinônimos, cabe fazermos a seguinte distinção, sob a luz das noções de gêneros e tipos textuais: a argumentação é um tipo característico de arranjo linguístico que possibilita a expressão de um ponto de vista e que pode ser concretizado por meio de diversos textos, em função da necessidade da interação social: comentários opinativos, ensaio, crítica de cinema, carta de opinião, etc.; a dissertação é um texto predominantemente argumentativo, trata-se de um gênero textual, muito comum nas produções escolares e nos exames de vestibulares e do Enem.



Você estudou, nos últimos capítulos, alguns mecanismos que permitem a articulação das ideias quando elas se materializam em palavras em um texto escrito. Observou como cada parágrafo se estrutura e as estratégias que podem ser usadas para encadeá-los.

Vamos lhe propor a organização de um texto a partir de alguns elementos retirados de uma matéria jornalística da revista *IstoÉ* de dezembro de 2012, a respeito das reuniões globais cujo objetivo é tratar da preservação do meio ambiente.

- a) Trata-se de uma retrospectiva dessas reuniões, de 1972 a 2012, com a apresentação de alguns resultados. Você deverá encadear esses resultados no desenvolvimento de um texto dissertativo. Escreva como se seu público-alvo fosse o leitor da revista de informação semanal citada (público escolarizado, de nível sociocultural de médio a elevado).
- b) Na introdução, você deverá reafirmar a necessidade de se estabelecerem metas para garantir a preservação do planeta. No desenvolvimento, usará as informações a seguir. A conclusão, após a análise dos resultados, ficará por sua conta.

QUATRO DÉCADAS DE CONVERSA
Os principais encontros mundiais com o objetivo de salvar o planeta

1972
Estocolmo, Suécia
ESTOCOLMO 72

Primeira conferência internacional a tratar de temas ambientais
RESULTADO: declaração de 26 princípios do homem e do meio ambiente e recomendações contra a poluição do ar e dos mares e dos testes nucleares

Conferência para reassussão dos assuntos levantados na Estocolmo 72 e na Cúpula de Johannesburgo de 02
RESULTADO: levou à criação das Conferências Sobre Mudanças Climáticas (COPs) e ao tratado de Kyoto — ratificado em 1997 e que não foi assinado pelos EUA

1992
Rio de Janeiro, Brasil
ECO 92

2009
Copenhague, Dinamarca
COP 15

Reunião sobre mudança climática que teve o mérito de reunir alguns dos mais importantes líderes mundiais
RESULTADO: foi acordada a criação de um fundo a ser mantido pelos países desenvolvidos para financiar a adoção de políticas sustentáveis nos emergentes. Ninguém foi obrigado a respeitar

Encontro internacional para a discussão dos avanços desde a Eco-92
RESULTADO: mais um documento sem obrigatoriedade, no qual os participantes reafirmaram a necessidade de conter o aquecimento climático

2012
Rio de Janeiro, Brasil
RIO+20

2012
Doha, Qatar
COP 18

Mais recente conferência climática
... prorrogação do Protocolo de Kyoto até 2020. Canadá, Rússia e Japão abandonaram o acordo, e os EUA mais uma vez não assinaram

Revista *IstoÉ*. São Paulo: Três, n. 2.250, dez. 2012. p. 118.

Gênero textual: texto dissertativo

Circulando na maioria das vezes em esferas escolares, acadêmicas ou científicas, um texto dissertativo tem por objetivo explicar um assunto, desenvolver um tema ou expor ideias sobre as quais há um posicionamento de quem escreve. Convencionalmente, apresenta uma estrutura que se configura a partir de uma **introdução** ao assunto, na qual está implícita a tese a ser fundamentada; de um **desenvolvimento**, em que situações são descritas, fatos são explicados, dados são citados, exemplos são mostrados num encadeamento lógico e de uma sintética **conclusão**, coerente com o que foi apresentado anteriormente, de maneira que a tese inicial seja suficientemente comprovada.

- c) Concluído o texto, faça uma releitura minuciosa e veja em que pode aprimorá-lo.
- d) Reúna-se com dois ou três colegas para compararem seus textos. Observem que, apesar de terem utilizado os mesmos dados, os textos terão configurações diferenciadas. Procurem observar as opções uns dos outros e avaliem quais foram as melhores, para que essa comparação resulte em aprendizado.

Dicas para a elaboração da dissertação

Como você sabe, há inúmeras maneiras de iniciar uma dissertação. Lembramos algumas: fazer uma declaração ou uma interrogação, citar um provérbio ou mencionar um fato histórico, etc.

- Empregue os elementos linguísticos coesivos necessários à amarração das frases.
- Mantenha a estrutura dos parágrafos (ideia central + secundárias).
- Dê um título interessante a seu texto.
- Seja objetivo e construa a conclusão com base nos dados apresentados.

A reserva de cotas raciais para afrodescendentes e indígenas nas universidades provoca polêmica. Em um país de população miscigenada como a nossa, o estabelecimento de uma “tonalidade” de pele como critério para facilitar o ingresso na universidade é bastante questionado. Ao mesmo tempo, o desejo de reparar injustiças que se arrastam há séculos estimula as políticas “afirmativas”. Problemas sociais confundem-se com problemas raciais, gerando muita discussão.

1. Conheça o que pensa o autor deste artigo de opinião. Observe que ele, mais do que procurar defender a reserva de cotas raciais como uma possibilidade, procura mostrar os primeiros resultados desse sistema.

Por que as cotas raciais deram certo no Brasil

Mauro Segalla, Mariana Brugger e Rodrigo Cardoso

Antes de pedalar pelas ruas de Amsterdã com uma bicicleta vermelha e um sorriso largo, como fez na tarde da quarta-feira da semana passada, Ícaro Luís Vidal dos Santos, 25 anos, percorreu um caminho duro, mas que poderia ter sido bem mais tortuoso. Talvez intransponível. Ele foi o primeiro cotista negro a entrar na Faculdade de Medicina da Federal da Bahia. Formando da turma de 2011, Ícaro trabalha como clínico geral em um hospital de Salvador. [Em Amsterdã, Ícaro] celebra a alegria de alguém que tinha tudo para não estar ali. É que, no Brasil, a cor da pele determina as chances de uma pessoa chegar à universidade. Para pobres e alunos de escolas públicas, também são poucas as rotas disponíveis. Como tantos outros, Ícaro reúne várias barreiras numa só pessoa: sempre frequentou colégio gratuito, sempre foi pobre – e é negro. Mesmo assim, sua história é diferente. Contra todas as probabilidades, tornou-se doutor diplomado, com dinheiro suficiente para cruzar o Atlântico e saborear a primeira viagem internacional. Sem a política de cotas, ele teria passado os últimos dias pedalando nas pontes erguidas sobre os canais de Amsterdã? Impossível dizer com certeza, mas a resposta lógica seria “não”.

Desde que o primeiro aluno negro ingressou em uma universidade pública pelo sistema de cotas, há dez anos, muita bobagem foi dita por aí. Os críticos ferozes afirmaram que o modelo rebaixaria o nível educacional e degradaria as universidades. Eles também disseram que os cotistas jamais acompanhariam o ritmo de seus colegas mais iluminados e isso resultaria na desistência dos negros e pobres beneficiados pelos programas de inclusão. Os arautos do

pessimismo profetizaram discrepâncias do próprio vestibular, pois os cotistas seriam aprovados com notas vexatórias se comparadas com o desempenho da turma considerada mais capaz. Para os apocalípticos, o sistema de cotas culminaria numa decrepitude completa: o ódio racial seria instalado nas salas de aula universitárias, enquanto negros e brancos construiriam muros imaginários entre si. A segregação venceria e a mediocridade dos cotistas acabaria de vez com o mundo acadêmico brasileiro. Mas, surpresa: nada disso aconteceu. Um por um, todos os argumentos foram derrotados pela simples constatação da realidade. “Até agora, nenhuma das justificativas das pessoas contrárias às cotas se mostrou verdadeira”, diz Ricardo Vieiralves de Castro, reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. ISTOÉ entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no

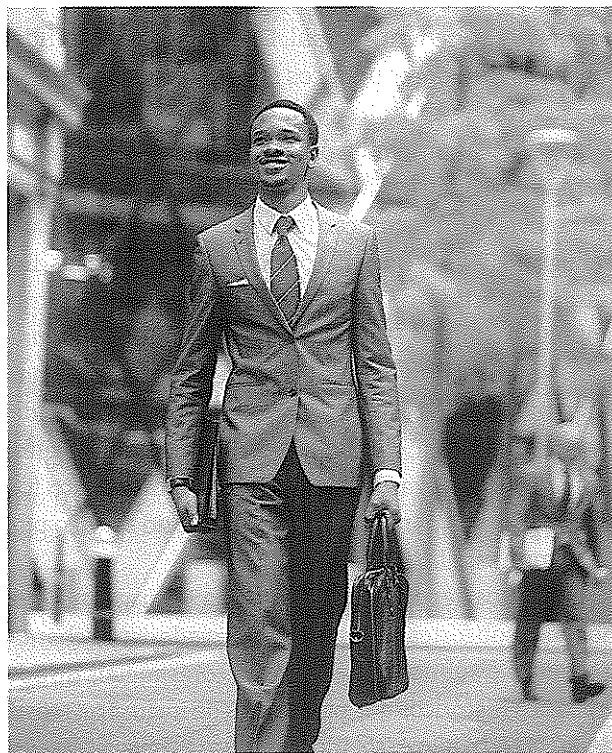
decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das mais conceituadas do País, os resultados do último vestibular surpreenderam. "A maior diferença entre as notas de ingresso de cotistas e não cotistas foi observada no curso de economia", diz Ângela Rocha, pró-reitora da UFRJ. "Mesmo assim, essa distância foi de 11%, o que, estatisticamente, não é significativo."

Por ser recente, o sistema de cotas para negros carece de estudos que reúnam dados gerais do conjunto de universidades brasileiras. Mesmo analisados separadamente, eles trazem respostas extraordinárias. É de se imaginar que os alunos oriundos de colégios privados tenham, na universidade, desempenho muito acima de seus pares cotistas. Afinal, eles tiveram uma educação exemplar, amparada em mensalidades que custam pequenas fortunas. Mas a esperada superioridade estudantil dos não cotistas está longe de ser verdade. A Uerj analisou as notas de seus alunos durante 5 anos. Os negros tiraram, em média, 6,41. Já os não cotistas marcaram 6,37 pontos. Caso isolado? De jeito nenhum. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que também é referência no País, uma pesquisa demonstrou que, em 33 dos 64 cursos analisados, os alunos que ingressaram na universidade por meio de um sistema parecido com as cotas tiveram performance melhor do que os não beneficiados. [...]

Mas o que explica o desempenho estudantil eficiente dos cotistas? "Os alunos do modelo de inclusão são sobreviventes, aqueles que sempre foram os melhores de sua turma", diz Maurício Kleinke, coordenador-executivo do vestibular da Unicamp. Kleinke faz uma análise interessante do fenômeno. "Eles querem, acima de tudo, mostrar para os outros que são capazes e, por isso, se esforçam mais." Segundo o professor da Unicamp, os mais favorecidos sabem que, se tudo der errado na universidade, podem simplesmente deixar o curso e voltar para os braços firmes e seguros de seus pais. Para os negros e pobres, é diferente. "Eles não sofrem da crise existencial que afeta muitos alunos universitários e que faz com que estes desistam do curso para tentar qualquer outra coisa." Advogado que entrou na PUC do Rio por meio de um sistema de cotas, Renato Ferreira dos Santos concorda com essa teoria. "Nós, negros, não podemos fazer corpo mole na universidade", diz. Também pro-

fessor do departamento de psicologia da Uerj, Ricardo Vieiralves de Castro vai além. "Há um esforço diferenciado do aluno cotista, que agarra essa oportunidade como uma chance de vida", diz o educador. "Ele faz um esforço pessoal de superação." Esse empenho, diz o especialista, é detectável a cada período estudantil. "O cotista começa a universidade com uma performance mediana, mas depois se iguala ao não cotista e, por fim, o supera em muitos casos."

O cotista não desiste. Se desistir, terá de voltar ao passado e enfrentar a falta de oportunidades que a vida ofereceu. Por isso, os índices de evasão dos alunos dos programas de inclusão são baixos e, em diversas universidades, até inferiores aos dos não cotistas. Para os críticos teimosos, que achavam que as cotas não teriam efeito positivo, o que se observa é a inserção maior de negros no mercado de trabalho. "Fizemos uma avaliação com 500 cotistas e descobrimos que 91% deles estão empregados em diversas carreiras, até naquelas que têm mais dificuldade para empregar", diz Ricardo Vieiralves de Castro. Com o diploma em mãos, os negros alcançam postos de melhor remuneração, o que, por sua vez, significa uma chance de transformação para o seu grupo social. Não é difícil imaginar como os filhos dos cotistas terão uma vida mais confortável — e de mais oportunidades — do que seus pais jamais tiveram.



bikendefondent/Shutterstock/Glow Images

[...]

Com a aprovação recente, pelo Senado, do projeto que regulamenta o sistema de cotas nas universidades federais (e que prevê que até 2016 25% do total de vagas seja destinado aos estudantes negros), as próximas gerações vão conhecer uma transformação ainda mais profunda. Os negros terão, enfim, as condições ideais para anular os impedimentos que há 205 anos, desde a fundação da primeira faculdade brasileira, os afastavam do ensino superior. Por mais que os críticos se assustem com essa mudança, ela é justa por fazer uma

devida reparação. “São muitos anos de escravidão para poucos anos de cotas”, diz o pedagogo Jorge Alberto Saboya, que fez sua tese de doutorado sobre o sistema de inclusão no ensino superior. Acima de tudo, são muitos anos de preconceito. Como se elimina isso? “Não se combate o racismo com palavras”, diz o sociólogo Muniz Sodré, pesquisador da UFRJ. “O que combate o racismo é a proximidade entre as diferenças.” Não é a proximidade entre as diferenças o que, afinal, promove o sistema de cotas brasileiro?

Revista IstoÉ. São Paulo: Três, 30 maio 2014.
Disponível em: <www.istoee.com.br>. Acesso em: 30 maio 2014.

a) Repare que, no primeiro parágrafo, o produtor do texto cita um exemplo de sucesso de um profissional que se valeu do sistema de cotas para ingressar na universidade. Do segundo ao penúltimo parágrafo, ele sintetiza as críticas a esse sistema feitas pelas pessoas contrárias a ele e as rebate com exemplos da realidade e a voz de especialistas consultados. Identifique, em cada um desses parágrafos: a crítica que ele rebate, o exemplo citado para mostrar que a crítica era infundada e o especialista consultado para comprovar o ponto de vista do produtor do texto.

b) O parágrafo final retoma o ponto de vista defendido e oferece ao leitor uma pergunta. Qual é o efeito de terminar um texto que defende uma ideia com uma pergunta? Discuta com os colegas e o professor.

2. Veja ainda o assunto sob outra perspectiva – a política –, neste trecho inicial de matéria publicada pela revista *CartaCapital* de janeiro de 2013.

Cotas para eleitor ver

Reviravolta: em busca de voto, opositores aderem ao sistema que ontem rejeitavam

Por Cynara Menezes

Até ACM Neto, eleito prefeito de Salvador, anuncia cotas no serviço municipal. Decisão inócua, ainda assim: os servidores públicos em Salvador na maioria são negros.

Na última campanha para a prefeitura de Salvador, o então candidato ACM Neto precisou ir à Justiça para tentar livrar-se da acusação feita pelo adversário, Nelson Pellegrino (PT), de que era contrário às cotas raciais. De fato, seu partido, o DEM, havia entrado no Supremo Tribunal Federal (STF) contra a política de ação afirmativa. Neto negou veementemente e foi ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) para suspender a propaganda de tevê do petista. O tribunal rejeitou o pedido. Eleito, uma das primeiras iniciativas do novo prefeito foi anunciar cotas para afrodescendentes no serviço público municipal.

Dez anos depois de começarem a ser implantadas no Brasil sob fortes críticas do conservadorismo, chama a atenção o súbito interesse pelas cotas raciais de adversários históricos dos programas de inclusão. O caso de ACM Neto não é isolado. Também o governador de

São Paulo, Geraldo Alckmin, do PSDB, anunciou no fim do ano passado que as universidades estaduais paulistas vão reservar vagas para alunos oriundos de escolas públicas, parte delas por critérios étnicos. Isso meses depois de o tucano Aloysio Nunes Ferreira ter sido o único senador a votar contra o projeto do governo federal de ampliação das cotas.

Sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em agosto, a nova lei de cotas sociais estabelece que até 2016 50% das vagas das universidades federais sejam destinadas a alunos das escolas públicas. Desses 50%, metade vai para estudantes oriundos de famílias que ganham até um salário mínimo *per capita* e metade para afrodescendentes e indígenas. As projeções do governo são de que cerca de 50 mil vagas sejam ocupadas por alunos afrodescendentes e indígenas na universidade pública nos próximos quatro anos. Ou seja, uma inclusão no ensino superior que será visível a olhos nus.

[...]

Revista *CartaCapital*. São Paulo: Confiança, n. 733, 30 jan. 2013. p. 30.

3. Você conheceu muitas opiniões. É hora de revelar a sua.
 - a) Escreva um artigo de opinião sobre o assunto, posicionando-se a favor ou contra a reserva de cotas raciais nas universidades. Imagine que seu artigo será publicado em um jornal de circulação nacional.
 - b) Após a leitura e a revisão pessoal dos textos, reúna-se com alguns colegas e promovam a leitura dos textos em rodízio: um aluno passa seu texto para o colega da direita e recebe o do colega da esquerda para leitura, que prossegue até que todos conheçam a opinião dos demais colegas do grupo.
 - c) Façam anotações se perceberem algum problema no texto. Fiquem bem atentos às contradições. Observem também se o colega apresentou argumentos suficientemente convincentes para o leitor do veículo em questão. No caso de haver incorreções gramaticais, apontem-nas para que os colegas as corrijam.
 - d) Se houver consenso, ou seja, se a mesma opinião prevaleceu em todos os textos, escolham um integrante para participar da mesa-redonda, que ocorrerá a seguir. Caso não haja, escolham dois representantes: cada um defenderá um ponto de vista.

Gênero textual: artigo de opinião

Artigos de opinião são textos em que os autores se apoiam em fortes argumentos, posicionando-se a favor ou contra determinadas questões, com o objetivo de convencer os leitores a adotarem essa mesma perspectiva. Nos jornais, são publicados em seções de debates ou de discussão de pontos de vista. A busca de imparcialidade jornalística está ausente desses artigos, nos quais o articulista se identifica e se posiciona ideologicamente, muitas vezes representando opiniões de determinados setores de nossa sociedade. Vale-se de inúmeros recursos de convencimento, desde dados estatísticos objetivos a depoimentos de autoridades. Apresenta um trabalho cuidadoso e minucioso com os elementos linguísticos que garantem a coesão do texto.

Dicas para a elaboração do artigo de opinião

- Tenha um posicionamento único (“a favor de” ou “contra” algo) e deixe isso bem claro na introdução.
- Enumere os argumentos que serão apresentados; depois, ordene-os dos mais fortes aos mais fracos.
- Cite também alguns contra-argumentos, mas vá desenvolvendo-os e refutando-os, para, assim, fortalecer os argumentos que sustentam sua posição.
- Se inserir alguma pergunta em seu texto, apresente a resposta.
- Crie um título que desperte interesse no leitor.
- Use padrão culto de linguagem; seu público-alvo é exigente.
- Escolha uma ideia de impacto para o parágrafo final ou cite alguma frase pertinente ao assunto proferida por personalidade especializada no assunto.

Mesa-redonda

1. Os representantes escolhidos nos grupos poderão realizar uma mesa-redonda para ampliar a discussão iniciada pelos textos. Desfaçam os grupos e disponham as carteiras dos representantes em círculo. O professor será o moderador. Cada aluno terá um tempo delimitado para expor seus argumentos, seja a favor, seja contra as cotas raciais.
2. Nessa apresentação, cuidem da linguagem (será formal) e da postura (vocês não irão “brigar” – irão expor a posição do grupo e apresentar o arrazoado combinado), não aumentem o tom de voz nem se alterem.
3. Um voluntário, a cada apresentação, anotará no quadro o resultado de cada grupo, escrevendo, em duas colunas, o número de alunos que estava a favor das cotas e o de alunos que estava contra elas, para que vocês obtenham o resultado numericamente exato.
4. Após a exposição, poderão debater entre si. Os demais colegas observam a discussão de seus lugares e, se desejarem, farão perguntas por escrito que serão encaminhadas aos debatedores para os respectivos esclarecimentos.
5. Esgotado o tempo destinado à atividade, o professor encerra o evento. A partir do posicionamento predominante, ele apresentará a opinião geral da classe sobre o assunto.

Vestibulares de Norte a Sul

Texto para a questão 1.

Durante séculos, os escravos afro-americanos aprenderam a ler em condições extraordinariamente difíceis, arriscando a vida. Aqueles que quisessem se alfabetizar eram forçados a encontrar métodos tortuosos de aprender. Aprender a ler, para os escravos, não era um passaporte imediato para a liberdade, mas uma maneira de ter acesso a um dos instrumentos poderosos de seus opressores: o livro. Os donos de escravos (tal como os ditadores, tiranos, monarcas absolutos e outros detentores do poder) acreditavam firmemente no poder da palavra escrita. Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar seu alcance. Os livros, escreveu Voltaire no panfleto satírico *Sobre o Terrível Perigo da Leitura*, “dissipam a ignorância, a custódia e a salvaguarda dos estados bem policiados”.

Alberto Manguel. *Uma história da leitura*. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 312-15 (com adaptações).

1. **CO** (UnB-DF) A partir do texto acima, julgue os próximos itens.
- a) O texto é construído com base no exemplo da relação com a leitura que estabelecem escravos afro-americanos e donos de escravos. Argumentação é aplicada para abarcar formas de dominação e, assim, mostrar que a leitura pode desestabilizar poderes autoritários.
 - b) No texto, são apresentadas duas maneiras de um ditador controlar o acesso à leitura: manter analfabetos aqueles que domina ou controlar o que leem os que sabem ler. Para atingir os objetivos no segundo caso, uma estratégia utilizada, com certa frequência, é impor a leitura de interpretação única, reprimindo as vozes dissonantes.
 - c) Defende-se no texto o caráter inequívoco do livro como instrumento de emancipação política, característica que impede seu uso na dominação de povos ou povos.

Texto para a questão 2.

Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades.

Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

“A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais.” Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade.

Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. “Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária.

“Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Adaptado de: <www.diariodasaude.com.br>

2. **SE** (Uerj) No texto, as falas do professor universitário e da coordenadora do instituto de pesquisa reforçam o sentido geral antecipado pelo título da matéria jornalística.

A citação de falas como as referidas acima é um recurso conhecido da argumentação. Esse recurso está corretamente descrito em:

- a) exemplificação de fatos enunciados no texto.
- b) registro da divergência entre diferentes autores.
- c) apoio nas palavras de especialistas em uma área.
- d) apresentação de dados quantificados por pesquisas.